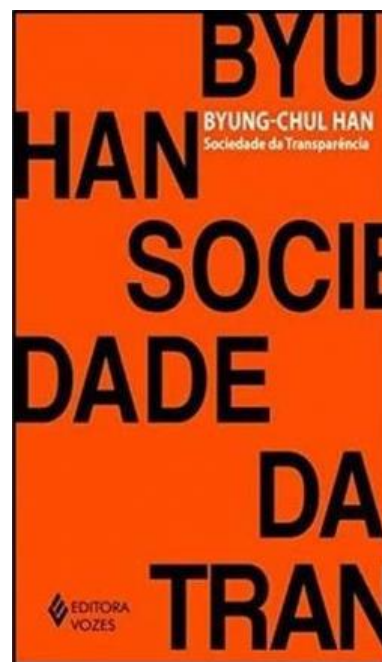



Sociedade da transparência: a arquitetura do mundo cansado


Luiz Gustavo Mazolini Ocon – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil | E-mail: luizgustavomazoliniocon@hotmail.com | <https://orcid.org/0000-0003-0835-4340>

Felipe Augusto Monteiro Cravo – Universidade de Sorocaba | Sorocaba | SP | Brasil | E-mail: felipeamcravo@gmail.com | <https://orcid.org/0000-0002-5572-4239>

HAN, Byung-Chul. Sociedade da transparência. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 116 p.



 <https://doi.org/10.22484/2177-5788.2022v48id4895>

Copyright © 2022. Conteúdo de acesso aberto, distribuído sob os termos da Licença Internacional –  Creative Commons — Atribuição 4.0 Internacional — CC BY 4.0

O livro “Sociedade da transparência”, do filósofo e ensaísta sul-coreano, radicado na Alemanha, Byung-Chul Han, foi lançado em 2016 no Brasil. Ele apresenta uma proposta de leitura das relações sociais atuais destacando o apagamento da diversidade e da contemplação do mundo, em prol de uma uniformização positiva e desinteriorizada. Em livro anterior, “Sociedade do cansaço” (2015), o filósofo apontou o deslocamento do poder centralizado de controle e vigilância externos aos sujeitos para dentro deles, tornando-os capatazes e servos de si próprios em busca da manutenção de alta performance para produtividade e consumo. “Sociedade da transparência” busca descrever como sujeitos contemporâneos produzem novas formas de comunicação, cultura, trabalho e relacionamento interpessoal.

No primeiro capítulo “Sociedade positiva”, Han aponta que a norma contemporânea de positividade facilita o governo, controle e previsão dos indivíduos ao uniformizá-los. Assim, todos os elementos sociais se submetem a um fluxo acelerado de produtividade e consumo. Através da exposição rasa e plana de imagens consumíveis e descartáveis, destrói-se o mistério e a negatividade propiciadores de reflexão e contemplação sobre o mundo, o mundo passa a ser lido de forma pornográfica. A subjetividade inaugurada pela sociedade positiva, e pela postura pornográfica de interações, torna-se esvaziada e impotente, uma vez que não participa da construção e das modificações da realidade, interagindo superficialmente com um mundo de imagens já definidas e encerradas em si mesmas. Na linguagem, a transparência se dá pela destituição de confronto, impasse e diferença. Isso porque ela opera de forma mecânica ao impor correspondência unívoca entre objeto e sujeito, em um ambiente simétrico, sem abertura para novas interpretações. A política da sociedade positiva é construída pelo excesso de opiniões, assim, positividade, pornografização e

transparência edificam uma sociedade despolitizada, na qual a crítica e as tensões inerentes a democracia tornam-se produtos de entretenimento.

No segundo capítulo “Sociedade da exposição”, Han apresenta a pornografização das fotografias contemporâneas pois, estão em função do desejo de exposição e feitas para consumo rápido. A obscenidade destas imagens está na ausência de recursos interpretativos que coisificam os corpos expostos, e alienam os olhares consumidores destes corpos inabitáveis. A beleza externa, enquanto critério para exposição, exige imagens padronizadas que retiram a interioridade dos corpos. Outra consequência da sociedade expositiva é que “[...] a sexualidade se dissolve na performance feminina do prazer e na visão de desempenho masculino” (HAN, 2017, p. 32-33). A aura autêntica que englobava os indivíduos durante o sexo e estabelecia uma conexão entre envolvidos, é substituída por ansiedade de desempenho. Esta ideia é complementada no capítulo três “Sociedade da evidência”, onde o filósofo disserta sobre a eliminação da tensão erótica na medida em que os relacionamentos são penetrados pela pornografização dos corpos, os quais se expõem a partir de uma nudez desinteriorizada e sem mistério.

No capítulo quatro “Sociedade pornográfica” apresenta-se a perda do valor cultural da arte. No cenário atual, a postura de contemplação e interpretação são desnecessárias, pois a arte pretende produzir um efeito de contaminação por meio de imagens desprovidas de significado. A desagregação de símbolos e significados na arte e nos espaços produz-se pela rapidez exigida de todas as interações. Em sequência no quinto capítulo “Sociedade da aceleração”, Han observa que o mundo transparente exige que os sujeitos não percam tempo em interpretar e refletir sobre o sentido e as memórias que compõem os ambientes e imagens. Assim como os espaços externos, os espaços internos de intimidade são transformados em objetos para rápido consumo.

Em “Sociedade da intimidade” (sexto capítulo), compreende-se que a eliminação da alteridade se dá através das novas configurações e usos das mídias sociais, delineadas para constante busca de intimidade entre consumidores e produtos que se correspondem de modo simétrico. Complementar a essa tese no sétimo capítulo (Sociedade da informação) Han apresenta que atualmente a informação padece com a falta de verdade e aparência, uma vez que incorpora a si a irrealidade e a ficção do não existente, enredando os indivíduos ao excesso de positividade, cindida da realidade. Em “Sociedade do desencobrimento” (oitavo capítulo) destaca-se que o panóptico econômico configura formas eficazes de controle sobre os indivíduos, os quais são lidos enquanto dados que se auto-compartilham para alimentar o sistema que os controla. No último capítulo do livro “Sociedade do controle”, Han explora os mecanismos interiorizados pela sociedade para autoexploração por meio da exposição voluntária a qual os indivíduos se submetem

A leitura deste livro parece complementar a “Sociedade do cansaço”, de Han (2017), uma vez que o autor descreve os mecanismos de transparência, aceleração e “pornografização” das relações humanas metamorfoseadas em relações de mercado. Voluntariamente, indivíduos contemporâneos alimentam um panóptico digital que cria uma falsa percepção de liberdade em troca da autoexploração. O livro descreve as atuais formas de controle e dominação social exercidas do indivíduo sobre si mesmo, e aponta para a necessidade de novos espaços de crítica a condição humana contemporânea.

Referências

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. 2. ed. aum. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017. 128 p.